



ENSINO MÉDIO E MUNDO DO TRABALHO: EXPECTATIVAS DOS ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM RELAÇÃO A ESCOLA E O MERCADO DE TRABALHO

Edielso Manoel Mendes de Almeida; Tatiane Nunes Valente

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, edielsoalmeida@bol.com.br, tatianetvalente@gmail.com

Resumo: O estudo consiste em uma pesquisa quanti-qualitativa com o objetivo de identificar a relação entre escola e mercado de trabalho a partir da percepção dos educandos do ensino médio na modalidade educação de jovens e adultos do município de Macapá. Os dados foram coletados a partir da aplicação de questionários em 10 escolas com perguntas abertas e fechadas para 390 alunos da segunda etapa do ensino médio na modalidade EJA, sendo aplicado em uma turma por escola. Os dados foram analisados estatisticamente tendo como aporte teórico autores da concepção marxista, dentre os quais: Enguita (2005) para discutir a relação entre escola e trabalho na sociedade capitalista; Frigotto (2010) um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista; Gramsci (2012) a compreensão da relação educação, trabalho e senso comum; Harnecker (2008) o conceito de trabalho e força de trabalho; Hirata (2011) as mutações no mundo do trabalho globalizado. Os resultados demonstraram que a escolarização é vista como passaporte para o mercado de trabalho e a ascensão na carreira; os alunos carregam a ilusão de que se estivessem estudado mais estariam em melhores condições de trabalho e renda; é depositada na educação a expectativa de que esta possa, através da mobilidade social, melhorar os mecanismos de distribuição de renda e inserção produtiva, através do preparo dos indivíduos para o mercado de trabalho. Concluímos que o discurso neoliberal atribui a educação um papel determinante para o desenvolvimento socioeconômico, assim este estudo reflete o contexto no qual os alunos estão inseridos.

Palavras-chave: Educação, Mercado de Trabalho, Escolarização.



IV

**COLÓQUIO INTERNACIONAL
EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO:**

DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

INTRODUÇÃO

Este estudo traz os resultados de uma pesquisa empírica realizada com alunos da segunda etapa do ensino médio das escolas públicas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), localizadas no município de Macapá, Estado do Amapá, no ano de 2014, com objetivo de identificar a relação entre escola e mercado de trabalho a partir da percepção dos educandos.

A Educação de Jovens e Adultos no Sistema Estadual de Ensino do Amapá é destinada às pessoas que não puderam ter acesso ao ensino fundamental e médio, ou não tiveram a possibilidade de continuar os seus estudos. Fundamenta-se este direito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L.D.B) nº 9394/96, que consagra a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade específica da Educação Básica, regulamentada pela Resolução 229/2002 e no Parecer nº247/2002 do Conselho Estadual de Educação (CEE/AP).

No Amapá, a Secretaria de Estado da Educação, por meio do Núcleo da Educação de Jovens e Adultos (NEJA), oferece alfabetização, ensino fundamental e médio, através de cursos presenciais, programas, projetos e exames de certificação que visam oportunizar a conclusão, continuidade de estudos das pessoas fora da faixa etária da escolaridade regular; assim como oferecer oportunidades de escolarização que aliem a educação básica em nível médio à educação profissional, com desenvolvimento de competências e habilidades que propiciem a formação integral do aluno como cidadão e profissional de qualidade.

No Ensino Médio, nosso objeto de investigação, o aluno ingressa a partir dos 18 anos completos no ato da matrícula. Está didaticamente organizado em duas etapas, cada etapa tem duração de um ano letivo.

O texto está organizado em três sessões. Na primeira descreve-se a metodologia utilizada na pesquisa com enfoque na abordagem quanti-qualitativa, na segunda discute-se os resultados divididos em dois eixos: aspectos socioeconômicos dos alunos da educação de jovens e adultos no qual apresentamos a média de idade e as atividades profissionais exercidas pelos sujeitos da pesquisa; e as expectativas dos alunos em relação a escola e o mercado de trabalho, finalizamos com as conclusões.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa quanti-qualitativa, no universo de 10 escolas públicas de ensino médio na modalidade Educação de Jovens e Adultos, situadas no município de Macapá, estado do Amapá, em diferentes bairros. Adotou-se como critério para a seleção das



escolas somente a oferta da Educação de Jovens e Adultos com turmas da 2ª etapa do ensino médio. Os dados foram coletados a partir da aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas para 390 alunos da segunda etapa do ensino médio, sendo aplicado em uma turma por escola. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Assim, no intuito de aprofundar a análise e a discussão do tema, os dados foram analisados estatisticamente tendo como aporte teórico a concepção marxista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ASPECTOS SOCIOECONOMICOS DOS ALUNOS DA EJA

Os dados coletados apontaram que o número de estudantes mulheres nas turmas da 2ª etapa é bem maior que de homens, estando na proporção de 62% (mulheres) e 38% (homens), demonstra que a EJA representa uma instância importante como educação compensatória, vez que além de marcadas pela sua condição de gênero que determinou uma discriminação histórica no sistema educacional, as mulheres também sofreram a condição de marginalização dentro da própria classe trabalhadora, marcada pelo modelo patriarcal, restando-lhes poucas chances de se inserir em melhores condições no mundo do trabalho.

Na tabela abaixo apresentamos a idade dos alunos sujeitos da pesquisa

IDADE	PERCENTUAL
18-20 anos	24%
21-26 anos	14%
27-32 anos	15%
32-37 anos	16%
37-42 anos	15%
42-47 anos	10%
47-52 anos	6%

Tabela 1 – Faixa etária dos alunos do ensino médio da EJA.

A tabela demonstra que é expressiva a presença de alunos jovens nas turmas de EJA, com idade inferior a 21 anos, os quais representam 24% do total. Os principais motivos que levaram ao número expressivo de alunos mais jovens a optarem pela educação de jovens e adultos foi a rapidez na conclusão do ensino médio (75%) e a facilidade em termos de avaliação da aprendizagem das disciplinas que compõem o currículo (40%).



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Quanto à iniciação profissional, 65% dos alunos tiveram sua primeira experiência de trabalho até os 14 anos de idade. Se for considerada a idade até 17 anos, esse percentual salta para 84%. Esses dados confirmam o cotidiano do público da EJA: pessoas que hoje são alunos porque prematuramente precisaram ser trabalhadores. O tipo de iniciação para o trabalho ocorreu, através de experiências em ocupações pouco valorizadas, com baixa remuneração e que dificultaram a continuidade dos estudos, conforme tabela abaixo.

PERCENTUAL	NA INICIAÇÃO	ATUALMENTE
20%	Empregada domestica	Empregada domestica
18%	Diarista	Diarista
17%	Trabalhador rural	Ajudante de pedreiro/ de carpinteiro/de pintor
15%	Vendedor ou ambulante	Vendedor ou ambulante
10%	Balconista/recepcionista/atendente no comercio	Vendedor ou balconista
5%	Aprendiz de mecânico ou de eletricista	Mecânico ou eletricista
15%	Não informaram	Não informaram

Tabela 2 – Principais ocupações dos alunos da EJA – comparativo entre a iniciação profissional e a situação atual.

Os dados revelam que a ascensão social ainda é uma utopia e de que poucos conquistaram uma ocupação melhor no mercado de trabalho, para a maioria a situação de trabalho continua praticamente a mesma. As poucas alterações estão relacionadas ao fato de não constar mais entre as principais ocupações o trabalho rural (o que é um indicativo do novo panorama econômico e social) e ao destaque às ocupações próprias de uma economia urbana, como é o caso dos Operários de Produção e de Manutenção (eletricistas e mecânicos).

No tocante ao emprego, apenas 46% dos alunos estão no mercado de trabalho formal (com carteira de trabalho assinada). Os demais estão na condição de desemprego (24%), consideram-se autônomos (20%) ou trabalhadores informais (10%).

Sobre a concentração dos alunos em ocupações ditas operacionais, que se caracterizam pelo trabalho que utiliza força física e habilidades manuais, é preciso lembrar que na sociedade capitalista tais trabalhadores são historicamente destituídos da possibilidade de incorporar-se ao mundo da educação, ou de manter-se simultaneamente nas duas condições: de aluno e de trabalhador. A EJA se propõe, justamente, a mudar essa situação, tentando praticar a tese de Álvaro Pinto (2000, p. 39): “Quando o trabalho manual deixar de ser um estigma e se converter em simples diferenciação do trabalho social geral, a educação institucionalizada perderá o caráter de privilégio e será um direito concretamente igual para todos”.



Enquanto o trabalho doméstico representa a forma predominante de inserção e de permanência da mulher no mercado de trabalho, é preciso considerar também que esse trabalho, quando realizado em casa, é ignorado como uma atividade laboral que se assemelha, no seu aspecto de dispêndio de energia humana e de capacidade de trabalho, a qualquer outra.

A redução ideológica do trabalho a suas formas remuneradas tem reforçado a posição dos homens na relação entre gêneros... mas tem relegado injustamente as donas-de-casa ao limbo da “não-atividade”, tem levado a ignorar o trabalho não-remunerado dos trabalhadores remunerados e tem suposto uma tergiversação da realidade econômica (ENGUITA, 2005, p. 220).

O autor alerta sobre uma grande contradição da sociedade capitalista. O capital só considera como trabalho o que gera mais-valia, que se traduz em mercadoria.

No aspecto renda, considerando o universo dos alunos da EJA que exercem trabalho remunerado, 98% têm renda inferior a três salários mínimos. Levando-se em conta que na sua maioria são pais de família, esse é um indicador importante, dando conta do nível de miserabilidade do povo (haja vista o número de moradores nas áreas de ressaca na cidade) e dos índices de exclusão social (que consideram níveis educacionais, taxa de criminalidade, entre outros).

Essa situação de precariedade atribuída à baixa qualificação, que gera pobreza e miséria, não é outra coisa senão a expressão das bases do sistema capitalista, que se apropria do “trabalho”, mas que remunera apenas a “força de trabalho”, como se ela própria fosse uma mercadoria:

[...] Não se pode confundir o conceito de trabalho com o de força de trabalho. Cada um deles se refere a realidades absolutamente diferentes [...] Por confundirem ambos os conceitos, os economistas clássicos foram incapazes de descobrir a origem da exploração capitalista. Eles sustentavam que o salário era o preço do trabalho realizado pelo operário, mas quando calculavam quanto deviam pagar-lhe, esqueciam-se totalmente deste enunciado e em lugar de calcular o preço do trabalho realizado (número de sapatos terminados, por exemplo) calculavam o preço de objeto que o trabalhador devia consumir para recuperar sua força de trabalho [...]” (HARNECKER, 2008, p. 35).

EXPECTATIVAS DOS ALUNOS DA EJA EM RELAÇÃO A ESCOLA E O MERCADO DE TRABALHO

O questionário aplicado aos alunos das dez escolas que fizeram parte desta pesquisa, continha também questões abertas, que permitiram maior liberdade de expressão, e buscaram apreender as expectativas que os alunos tinham a respeito do mundo do trabalho e do mundo da educação, bem como da inter-relação entre eles.



Em relação as causas do desemprego na sociedade, a maior parte de alunos apontaram a “baixa qualificação da mão-de-obra”, equivalendo a 67% do total. Essa e outras respostas constantes da tabela abaixo demonstram que a compreensão do fenômeno não ultrapassa o senso comum que na visão de Gramsci,

[...] é a filosofia dos não-filósofos, isto é, a concepção de mundo absorvida acriticamente pelos diferentes meios sociais e culturais, em que se desenvolve a individualidade moral do homem médio. O senso comum caracteriza-se, portanto, em primeiro lugar, pela sua adesão total e sem restrições a uma concepção de mundo elaborada fora dele próprio, que se realiza num conformismo cego e numa obediência irracional a princípios e preceitos indemonstráveis e ‘não-científicos’, funcionando no plano da crença e da fé (GRAMSCI, 2013, p. 25).

A tabela seguinte apresenta as respostas referente as causas mais evidenciadas do desemprego.

Tabela 3 - Percepção dos alunos da EJA quanto às principais causas do desemprego na sociedade atual (questão de múltiplas respostas)

CAUSAS	PERCENTUAL
Baixa qualificação da mão-de-obra	67%
Falta de experiência profissional	23%
Falta de oportunidades de emprego	8%
Não responderam	2%

Os dados reproduzem o discurso dos capitalistas e seus intelectuais, de forma a amortecer a consciência de classe do trabalhador, conforme esclarece Hirata (2011, p. 43): “o acesso ou não ao emprego aparece como dependendo da estrita vontade individual de formação, quando se sabe que fatores de ordem macro e meso econômicas contribuem decisivamente para essa situação individual”.

As respostas dos alunos também permitem perceber o estabelecimento e uma relação direta entre educação e a garantia de uma vida melhor, tentando atribuir à escola um poder que ela efetivamente não tem: de ser a solução definitiva para os problemas da humanidade, e em especial das classes trabalhadoras. E assim expressaram os alunos as suas expectativas:

Tabela 4 – Opinião dos alunos da EJA quanto as expectativas da educação na sua vida profissional - questão de múltiplas respostas.

EXPECTATIVAS	PERCENTUAL
Conseguir um melhor emprego	61%
Melhorar as possibilidades de arrumar um bom emprego	70%
Melhorar o padrão de vida	80%
Garantir um futuro melhor	90%



Se analisarmos os dados acima a partir do movimento que se verifica na sociedade, que ecoa o discurso neoliberal, atribuindo à educação um papel determinante para o desenvolvimento socioeconômico, pode-se dizer que as respostas refletem fielmente o contexto em que os alunos estão incluídos.

Essa percepção demonstra que a Teoria do Capital Humano, continua presente no discurso dos empresários e intelectuais do capital, recebendo a adesão dos trabalhadores:

O processo educativo, escolar ou não, é reduzido à função de produzir um conjunto de habilidades intelectuais, desenvolvimento de determinadas atitudes, transmissão de um determinado volume de conhecimentos que funcionam como geradores de capacidade de trabalho e, conseqüentemente, de produção [...] A educação passa, então, a constituir-se num dos fatores fundamentais para explicar economicamente as diferenças de capacidade de trabalho e, conseqüentemente, as diferenças de produtividade e renda (FRIGOTTO, 2010, p. 51).

Confirma-se, a partir dos dados apresentados, que os alunos são, na sua maioria, trabalhadores caracterizados pelas empresas capitalistas como “sem qualificação” ou “semiqualeificados” - quando empregados -, ou portadores de “baixa empregabilidade” - para os já excluídos -, é aceitável que depositem na escola um papel de redentora da sua condição social. Os empregados esperam que ela potencialize as chances de um avanço na carreira profissional. Os demais anseiam que a educação franqueie as portas das empresas para que eles possam se inserir no mercado de trabalho, ainda que de modo precário.

Acredita-se que se a educação por si só tivesse o poder de facilitar o ingresso no mercado de trabalho, ela não garantiria o emprego, porque as empresas são regidas pelo mercado, e o contrato seria desfeito logo que surgisse o primeiro contratempo na economia ou no segmento em que a empresa atua. Afinal, sob o capitalismo a capacidade de trabalho não é mais do que uma mercadoria.

CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo foi identificar a relação entre escola e mercado de trabalho a partir da percepção dos educandos do ensino médio da EJA. Levando-se em conta os dados analisados podemos inferir que, os educandos, são reféns do senso comum marcado pelo determinismo educacional.

O mesmo ocorre com a compreensão do mercado de trabalho. O determinismo tecnológico, a falta de competência ou de empregabilidade do trabalhador são tidas como causas naturais do desemprego e das condições precárias do mercado.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO, CIDADANIA E EXCLUSÃO: DIDÁTICA E AVALIAÇÃO

Desta forma, a escolaridade é vista como um passaporte para o ingresso no mercado e para a ascensão na carreira, através de melhores ocupações e renda, do que propriamente como condição para a emancipação humana e a libertação intelectual.

Além disso, os alunos carregam a ilusão de que se tivessem estudado mais estariam em melhores condições de trabalho e renda, esquecendo-se que o sistema de produção capitalista tem seus limites. Mesmo que todo mundo fosse escolarizado em nível de ensino médio, ainda assim o mercado não abarcaria todos os que pretendem trabalhar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENGUITA, Mariano F. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva – um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. 4. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GRAMSCI, Antônio. **A formação dos intelectuais**. 2. Ed. São Paulo: Achiamé, 2013.

HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do materialismo histórico**. 3. ed. São Paulo: Global, 2008.

HIRATA, Helena. Os mundos do trabalho. In: CASALI, Alípio et al. **Empregabilidade e educação – novos caminhos no mundo do trabalho**. São Paulo: Educ, 2011.